

Barelli diz que sai do governo se houver controle e arrocho salarial

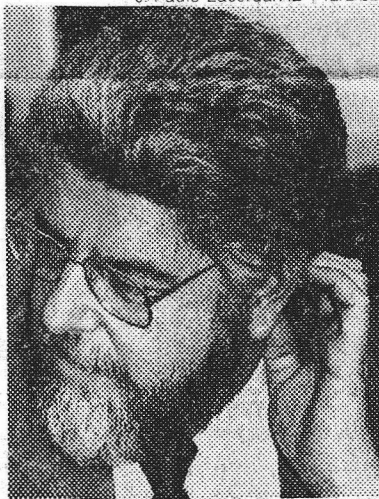
J. Paulo Lacerda/AE—12/2/92

WANISE FERREIRA

O ministro do Trabalho, Walter Barelli, disse ontem que não acredita em uma intervenção do governo na economia, na forma de choques e congelamentos. "Se isso vier a acontecer eu não poderia ficar no governo: alguém já viu um pacote econômico sem arrocho salarial?", questionou.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Carlos Eduardo Moreira Ferreira, evitou vincular o congelamento de alguns preços de produtos distribuídos pela rede Somar a uma medida mais ampla nesse sentido. "Preferimos não acreditar nisso, mas se o governo adotar um congelamento vai se separar da opinião do empresário, que dessa forma irá para a oposição", ressaltou.

Essa oposição citada por Moreira Ferreira poderá incluir até protestos e passeatas, na opinião do diretor do Departamento de Economia da entidade, Aldo Lorenzetti. "Os agentes econômicos não podem mais ficar passivos diante dessa violência e, conforme o caso, devem fazer como fazem os trabalhadores, protestar publicamente", afirmou.



Walter Barelli
Ministro não acredita em choque na economia

Para Barelli, a simples troca de ministros não altera sua posição à frente do Ministério do Trabalho. "Os ministros falam o dialeto do presidente, que quer combater à inflação, retomada do desenvolvimento e uma distribuição de renda mais justa e com essa política eu concordo", observou. Ele disse acreditar que o governo combaterá a inflação sem

uma intervenção na economia, com um acordo a ser feito com a sociedade civil.

Segundo Moreira Ferreira, o que os empresários querem hoje é uma política econômica sem choque, procurando a estabilidade e a retomada do desenvolvimento. "Acredito no governo quando diz que não vai promover choques ou congelamentos, tenho de acreditar no que o presidente Itamar diz", comentou.

Ironia — Para outros empresários, a hipótese de volta de controle de preços e de congelamento pode ser considerada ultrapassada (ler acima). Alguns fizeram ironia, dizendo ser mais fácil trabalhar sob esse controle: "Hoje, com o livre mercado, somos obrigados a dar descontos e ainda negociar prazos para obter pagamento", disse Dante Galian.

Edmundo Klotz, presidente da Associação Brasileira da Indústria da Alimentação (Abia), disse que o período é favorável à estabilização dos preços. A safra agrícola começa a ser colhida e a oferta de mercadorias tende a crescer. "E a recessão não acabou", disse Klotz. Ele apontou a queda do poder aquisitivo do salário mínimo, como forma de conter a alta dos preços.